



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

**A PRONÚNCIA DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM SERRA
TALHADA –PERNAMBUCO**

IVONETE DE SOUZA

SERRA TALHADA

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

IVONETE DE SOUZA

**A PRONÚNCIA DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM SERRA
TALHADA –PERNAMBUCO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada como pré-requisito para a obtenção do grau de licenciado em Letras Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins

SERRA TALHADA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

S729p

Souza, Ivonete de

A pronúncia das vogais médias pretônicas em Serra Talhada/Ivonete de Souza. – Serra Talhada, 2018.
47 f.: il.

Orientador: Adeilson Pinheiro Sedrins

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.

Inclui referências.

1. Vogais médias em posição pretônica. 2. Variação Linguística. 3. Variação linguística – Serra Talhada. I. Sedrins, Adeilson Pinheiro, orient. II. Título.

CDD 400

IVONETE DE SOUZA

A pronúncia das vogais médias pretônicas em Serra Talhada/PE

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como pré-requisito para a conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciatura em Letras, orientado pelo professor Adeilson Pinheiro Sedrins.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr^o. Adeilson Pinheiro Sedrins – Orientador

Prof^a. Dr^a. Thaís Ludmila da Silva Raniere – Examinadora

Prof^o. Dr^o. Cleber Alves de Ataíde – Examinador

Aprovada em 05 de março de 2018.

Dedico esse trabalho às minhas filhas, Aline e Isabela, por elas, eu transponho todos os obstáculos. Dedico também, às minhas netas, Emanuelle e Ana Cecília, amor incondicional, o melhor presente durante o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que não me deixou fracassar nos momentos de desânimo.

Ao meu querido professor e orientador, Adeilson Pinheiro Sedrins, pela paciência, pela atenção e pelo carinho com que sempre me tratou.

Aos meus professores do Curso de Letras da UFRPE/UAST, que contribuíram para minha formação acadêmica, e que foram fundamentais nessa trajetória.

A todos meus familiares, pelo incentivo.

Às minhas filhas, Alyne e Isabela, por entender os momentos de ausência, quando não pude dar a atenção necessária.

À minha querida amiga, Maria Ferraz, sempre me estimulando, sua contribuição foi muito importante para a realização deste trabalho.

Finalizando, quero deixar registrado os meus agradecimentos aos colegas de curso que sempre me apoiaram e me incentivaram nos momentos de dificuldades e insegurança.

RESUMO

O presente trabalho intitulado *A pronúncia das vogais médias pretônicas em Serra Talhada-Pernambuco*, surgiu devido à falta de estudos referentes a esse tema na cidade de Serra Talhada. Dessa forma, a pesquisa aqui apresentada pretende contribuir para uma descrição da língua falada em Serra Talhada, situando características fonético-fonológicas da comunidade dentro do cenário linguístico brasileiro. O objetivo principal deste trabalho é registrar a variação linguística da região com ênfase nas vogais médias realizadas em posição pretônica, /e/ e /o/, sob a perspectiva da Teoria da Variação Laboviana. Para isso, o estudo aqui apresentado foi realizado a partir do registro da leitura oral de um texto escrito por 12 informantes (seis do sexo feminino e seis do sexo masculino), variando a faixa etária entre 15 a 25 anos, residentes e naturais do município de Serra Talhada, Pernambuco. O *corpus* utilizado no estudo compreendeu o universo de 20 palavras, selecionadas de acordo com a observação do contexto linguístico que poderia ser favorecedor ou não da variação da pronúncia das vogais médias em posição pré-tônica. Dessas palavras, foram verificadas 240 ocorrências entre as variantes [ɛ,e, i, ɔ,o]. Os resultados obtidos mostraram que as vogais média-baixa [ɛ,ɔ] são as mais atuantes na fala da comunidade serra-talhadense.

Palavras-chave: Vogais médias em posição pré-tônica, Variação Linguística, Serra Talhada.

ABSTRACT

The present work entitled *The pronunciation of the pre-vowel middle vowels in Serra Talhada-Pernambuco*, arose due to the lack of studies concerning this subject in the city of Serra Talhada. In this way, it intends to characterize the Serra-talhadense dialect within the Brazilian linguistic scenario. The main objective of this work is to record the linguistic variation of the region with emphasis on the vowels performed in the pretextual position, / e/ and / o /, from the perspective of the Theory of Variation, based on the speech of 12 informants (six females and six males) varying the age group between 15 and 25 years, residents and natural of the municipality of Serra Talhada, Pernambuco. The corpus used in the study comprised 20 words that presented the context of the research (words with previous and posterior average vowels in a pre-position). From these words, 240 occurrences of the variants [ɛ,e, i, ɔ,o] were verified. The results obtained showed that the medium-low vowels [ɛ,ɔ] are the most active, in the Serra-talhadense community.

Keywords: Medium pretonic vowels, Language Variation, Serra Talhada.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista do centro de Serra Talhada	30
Figura 2: Serra que deu origem ao nome da cidade	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: As vogais tônicas orais do Português	16
Tabela 2: Descrição fonológica das vogais do Português Brasileiro.....	16
Tabela 3: Percentual das ocorrências das variantes [e, i] na fala serra-talhadense	37
Tabela 4: Percentual de ocorrências para as vogais média posterior [o,].....	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Frequências e percentuais da variáveis na cidade de Nova Venécia-ES.....	18
Quadro 2: Quantitativo geral de ocorrências das variantes pretônicas orais em Marabá....	20
Quadro 3: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Formosa.....	22
Quadro 4: Número de ocorrências da vogais pretônicas	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Vogal pretônica anterior [e,ε,i] e a distancia da sílaba tônica.....	39
Gráfico 2: Posição das sílabas pretônicas[e.ε,i].....	40
Gráfico 3: Contexto fonológico precedente para as vogais [e,ε,i].....	41
Gráfico 4: Contexto fonológico seguinte para as vogais [e,ε,i].....	42
Gráfico 5: Vogal da sílaba tônica	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS	14
1.1 Vogal pretônica: do latim ao moderno	14
1.2 Descrição do sistema vocálico brasileiro.....	15
1.3 Alguns estudos sobre o fenômeno das vogais médias.....	17
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS- METODOLÓGICOS	23
2.1 Teoria da Variação Linguística.....	23
2.2 Variação Linguística.....	25
2.3 Metodologia da pesquisa Sociolinguística Variacionista	28
2.4 Metodologia utilizada nesse trabalho	29
2.5 Seleção de informantes.....	29
2.6 Coleta de dados.....	30
2.7 Comunidade de fala	30
2.8 Definição das variáveis.....	33
2.9 Hipóteses sobre as variáveis	34
3. ANÁLISE	36
3.1 Fatores linguísticos que interferem na variação das vogais médias pretônicas.....	38
3.2.1 Distância da sílaba tônica.....	38
3.2.2 Posição da sílaba tônica.....	39
3.2.3 Contexto fonológico precedente.....	40
3.2.4 Contexto fonológico seguinte.....	42
3.2.5 Vogal da sílaba tônica.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

A língua pode variar de região para região. Dessa forma, cada comunidade apresenta uma peculiaridade que a torna diferente das demais, cujas características representam a sua identidade. Estudar a língua e suas variações nos faz compreender melhor seu funcionamento. Nesse sentido, diversos estudos sociolinguísticos dão conta da variação em diferentes regiões brasileiras, sobretudo no que se refere à realização das vogais médias em posição pretônica. Entretanto, ainda há muitas comunidades a serem estudadas. As vogais /e, o/ podem sofrer variação de pronúncia, quando realizadas na posição que antecede a sílaba tônica, podendo ser pronunciada como vogais abertas ou fechadas. Em vista da carência que existe em nossa região acerca desse fenômeno, é que optamos por investigar a pronúncia das vogais médias em posição pretônica, nos dados de fala de doze informantes do município de Serra Talhada, interior pernambucano.

Por meio de observações, pudemos identificar que na comunidade analisada, as vogais médias /e/ e /o/ podem ser produzidas na forma elevada, onde são pronunciadas como média-alta [i] e [u] como em [i]stamos e [cu]meço; na forma abaixada, onde as pretônicas são pronunciadas na forma média-aberta [ɛ] e [ɔ], como em g[ɛ]ral e el[ɔ]gio; ou até mesmo as vogais /e/ e /o/ podem se manter como [e] e [o], como no exemplo, *escrito* e *começo*.

Considerando a manifestação dessa variação, adotamos como base para a análise neste estudo os pressupostos da Teoria da Variação Laboviana, uma vez que entendemos que a língua é inerentemente heterogênea e que a variação linguística é um fenômeno sistematizável a partir da compreensão da atuação de fatores linguísticos e sociais.

Os objetivos específicos deste trabalho se concentram: em verificar se há variação na pronúncia de vogais médias em posição pretônica, considerando a possível interferência do contexto fonológico; (ii) identificar os fatores que condicionam o uso das vogais médias [e, o], discutindo também, os resultados obtidos com outros estudos encontrados em outras regiões do país.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentamos o fenômeno estudado, como a origem das vogais médias, os trabalhos já realizados sobre esse fonema no português brasileiro e o surgimento do segmento no

português. No segundo capítulo, situamos o referencial teórico e metodológico utilizado para a pesquisa, pontuando os principais conceitos e pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Apresentamos os procedimentos para a coleta de dados, as variáveis controladas e as hipóteses do estudo. No terceiro capítulo, apresentamos a análise dos grupos de fatores linguísticos e os seus resultados. Em seguida, apresentamos as considerações finais com o resumo dos resultados obtidos ao longo da análise.

A importância desse trabalho justifica-se pela ausência de estudos na nossa região, principalmente na cidade de Serra Talhada, de modo que as investigações sobre o fenômeno da variação das vogais médias pretônicas venham a contribuir significativamente para conhecermos melhor a língua local.

1. As vogais médias pretônicas no português brasileiro

Este capítulo está dividido em três partes: na primeira falaremos um pouco sobre a origem das vogais pretônicas, na segunda, iremos apresentar uma breve descrição sobre o sistema vocálico brasileiro, e na terceira parte iremos fazer um resumo de alguns trabalhos que tratam do mesmo fenômeno aqui estudado.

1.1 Vogal pretônica: Do latim ao moderno

Segundo Fernão de Oliveira (1975, *apud* KLUNCK, 2007), os textos medievais portugueses já fazem referência ao comportamento variável das vogais médias pretônicas, assim como as gramáticas e listas ortográficas do século XVI ao início do século XVIII, nas quais era censurada a pronúncia de /o/ e /e/ pretônicos como [u] e [i], que tendia à generalização em muitos dialetos portugueses. Todavia, é possível relacionar esse fato a uma tendência bem mais antiga na língua, pois desde o latim vulgar as vogais átonas tendiam para o fechamento: *fugere*>*fogir*>*fugir*, *muliere*>*molher*>*mulher*, *virtute*>*vertude*>*virtude*.

De acordo com Klunck (2007), a maioria dos testemunhos indica que essa nova tendência era de natureza popular e contra ela argumentava a erudição. Ainda de acordo com a mesma autora, o gramático lisboeta D. Jerônimo Contador de Argote (*apud* Silva Neto, 1986) documentou que, em Lisboa, no início do século XVIII, o /e/ medial era pronunciado pelas pessoas *fechado, que pedaço*, “falavamequeem certos bem lugares do Algarve essa vogal era pronunciada como [i], *pidaço*, assim como dizer era pronunciado *dezer*.”

Outros estudos, a exemplo de Bisol (1981), Silva (1989) dão conta de que ainda no século XVI era frequente a ocorrência das pretônicas abertas, principalmente /ε/ decorrentes de crases antigas ou fonologicamente motivadas em função da presença de certas consoantes ou morfologicamente motivadas quando mantinham a qualidade da

tônica primitiva na tônica secundária de palavra derivada. A motivação fonológica bem como a motivação morfológica, a que se refere Silva (1989), ainda hoje são consideradas como variáveis para a verificação de comportamento aparentemente assistemático das vogais médias pretônicas.

Em relação à pronúncia moderna das vogais médias pretônicas no Brasil, Câmara Jr.(1977) observa de um ponto de vista estruturalista, que é no contexto pretônico que se verificam os processos de neutralização das médias e de harmonia vocálica, uma regra de assimilação regressiva que atinge tais vogais em função de uma vogal subsequente.

De acordo com Câmara Jr. (1999), as vogais do Português Brasileiro podem ser dispostas em um sistema triangular em cujo vértice inferior se encontra a vogal mais baixa. Dessa forma, a elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, fornece a classificação articulatória da vogal baixa /a/, das vogais médias de primeiro grau / ε,ɔ/, das vogais médias de segundo grau /e , o/ e das vogais altas /i , u/. Essas sete vogais são plenamente realizadas em posição tônica.

1.2 Descrição do sistema vocálico brasileiro

Historicamente, as mudanças da pronúncia das vogais médias em posição pretônica ocorridas do latim para o português europeu até português brasileiro atual indicam que quando se trata das vogais médias, o sistema vocálico da língua portuguesa, é muito complexo. Como afirmara o linguista Câmara Jr. (2007),

A realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita. O que há são 7 fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones.

A tabela 1 abaixo apresenta as realizações fonéticas das 7 vogais.

Tabela 1: As vogais tônicas orais do português

	Anterior arredondado	Central	Posterior não arredondado
Alta	i		u
Média-baixa	e		o
Média-alta	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Fonte: Cristóvão Silva (2012, p. 79)

No entanto, essas realizações são condicionadas à variação, dependendo da posição da sílaba em relação ao acento. Assim, como verificou Câmara Jr. (2007), fonologicamente, quanto mais fraca for a sílaba, mais limitada são as realizações fonéticas das vogais. Dessa forma, segundo o autor, a sílaba tônica, que recebe o acento, é emitida com maior força expiatória, tem um valor correspondente a 3. Enquanto as sílabas pretônicas têm valor 1, e as postônicas valor 0. Sendo assim, as sílabas da palavra *habilidade*, por exemplo, receberia os seguintes valores:

/a b i l i d a d e/
1 1 1 3 0

De acordo com Silva (2012:78), as vogais orais no português brasileiro podem ser descritas como tônicas, pretônicas e postônicas. As vogais tônicas carregam o acento primário, as pretônicas precedem a vogal tônica e as postônicas seguem a vogal tônica.

A tabela abaixo apresenta a gradativa diminuição do número de fonemas nas posições tônica, pretônica e postônica.

Tabela 2: Descrição fonológica das vogais do Português Brasileiro.

Posição Tônica	Posição Pretônica	Posição Postônica
i u	i u	
e o	e o	i u
ɛ ɔ	a	a
a		

Fonte: Graebin (2008)

No entanto, no Brasil, como um todo, o quadro das pretônicas não é fixo, pois a depender da região geográfica, a média é neutralizada a favor de /ɛ/e /ɔ/ou a favor de /e/ e

/o/. O processo de alçamento é caracterizado pela modificação do traço [-alto] para [+alto] das vogais médias /e/ e /o/, que se realizam como vogais altas /i/ e /u/ ocorrendo variavelmente. Vários pesquisadores refletiram sobre os fatores que têm um papel nesse processo. Alguns desses estudos serão retomados a seguir para se ter uma ideia de como esse tema já foi abordado.

1.3 Alguns estudos sobre o fenômeno das vogais médias

Nesta seção, iremos fazer uma síntese de alguns trabalhos que tratam sobre o tema das vogais pretônicas, fazendo em seguida uma comparação dos resultados com o nosso. Segue abaixo cada autor e seu respectivo trabalho:

Gianni Fontes Célia (2004) - *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES*

O trabalho realizado por Celia (2004) se deu em razão da ausência de estudos que levassem em conta o dialeto capixaba, uma vez que outros estados vizinhos, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, já possuem diversos estudos com o objetivo de descrever a fala dos indivíduos dessas regiões. O interesse da autora nesse estudo foi, principalmente, analisar o modo como se dá a realização das vogais médias pretônicas na fala dos moradores do município de Nova Venécia, Espírito Santo, e poder contrastar os resultados obtidos com outros estudos já realizados. Vale destacar que o trabalho foi realizado com base na metodologia Sociolinguística Quantitativa.

Celia (2004), descreve em sua dissertação a realização das vogais médias pretônicas na fala de 9 informantes do sexo feminino, com escolaridade do terceiro grau completo. Devido ao número reduzido de informantes, a autora decidiu uniformizar a variável sexo, garantindo dessa forma que não haveria interferência do sexo na amostra, uma vez que em outros trabalhos realizados, não foram identificadas diferenças significativas entre homens e mulheres.

Quanto ao quesito escolaridade, a autora optou por informantes com terceiro grau completo caracterizando em sua pesquisa uma descrição da fala culta na comunidade estudada. Destaca também que a faixa etária foi a única variável extralinguística considerada em seu trabalho, dividindo os informantes em grupos de três faixas etárias, todos adultos.

A autora observa que a vogal média posterior parece ser mais suscetível de variação que a média anterior. De acordo com Celia, isso ocorre tanto para o abaixamento quanto para o alteamento onde os percentuais de [u] e [o] são maiores do que os de [i] e [e]. Outro fator obtido pelos dados é a da predominância das formas médias [e, o] sobre as altas [i, u] e baixas.

Celia (2004) realiza seu estudo definindo as variáveis dependentes e independentes, pois de acordo com Tarallo (1997), o pressuposto básico para as pesquisas variacionistas é a existência de mais de uma possibilidade de realização de uma determinada forma linguística num dado contexto e com o mesmo sentido. Em seguida, faz um detalhamento das variáveis levantadas no estudo das vogais médias pretônicas da fala dos moradores de Nova Venécia.

Celia observou que os fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes na aplicação da regra de variação das vogais médias nos dados analisados foram nasalidade da vogal pretônica, tipo de vogal na sílaba tônica, distância em relação à sílaba tônica, vogal pretônica seguinte, atonicidade permanente, consoante precedente, consoante seguinte, estrutura silábica² e faixa etária.

No quadro 1, a autora detalha os resultados das frequências e dos percentuais obtidos das variáveis levantadas no estudo das vogais médias pretônicas no trabalho em questão.

Quadro 1: Frequências e percentuais das variáveis para as vogais médias pré-tônicas na cidade de Nova Venécia-ES

Alteamento - E		Alteamento - O	
i	e	u	O
240	1474	254	977
14%	85%	20%	79%
Total = 1714		Total = 1231	

Abaixamento - [ɛ]		Abaixamento - [ɐ]	
↔	ε	.	o
250	1298	212	692
16%	83%	23%	76%
Total = 1548		Total = 904	

Fonte: Celia (2004)

Dessa forma, os resultados obtidos no trabalho de Celia (2004) mostraram que as vogais médias pretônicas podem variar entre realizações médias [e,o], alteadas [i,u] ou abaixadas [ɛ,ɐ], e tal variação se dá por um processo de assimilação do traço de altura da vogal da sílaba seguinte, independentemente da sua tonicidade. Além da vogal seguinte, mostraram-se relevantes para o alteamento das médias pretônicas: sua nasalidade e atonicidade, a estrutura da sílaba em que se encontram e as consoantes a elas adjacentes. Já para o abaixamento os fatores relevantes foram a atonicidade e as consoantes adjacentes. No que diz respeito à realização das vogais médias em posição pretônica, a autora conclui que o dialeto capixaba é provavelmente uma região de transição entre os dialetos do sul e do norte do Brasil.

Ronan Lucas de Oliveira (2013) - A realização das vogais médias pretônicas no falar Marabaense

Em sua dissertação, Oliveira (2013) descreve e sistematiza o comportamento das vogais médias pretônicas orais /e, o/ no falar urbano de Marabá. Para o autor, o interesse por esta comunidade específica se deu por se tratar de uma região marcada por uma grande imigração e por conta disso apresenta uma heterogeneidade muito forte. O trabalho foi realizado por meio dos suportes analíticos e interpretativos da Sociolinguística, a partir da observação da diversidade sociocultural e linguística dessa comunidade. O *corpus* da pesquisa foi coletado junto a 36 sujeitos nativos, com o objetivo principal de observar se a realização das vogais médias pretônicas /e, o/ é condicionada por fatores linguísticos (fonéticos, silábicos e morfológicos) e/ou sociais (faixa etária, sexo e escolaridade).

Com relação aos fatores linguísticos analisados pelo autor, ele levou em consideração o modo e o ponto de articulação das consoantes precedentes e subsequentes à pretônica alvo; a altura, intensidade, oralidade e nasalidade vocálica das vogais subsequentes à pretônica alvo; e a classe de palavra: os substantivos, verbos, adjetivos, numerais, advérbios, conectores, interjeições e pronomes.

Em seu trabalho, Oliveira observou que no que se refere às variantes vocálicas anteriores, as oclusivas só favorecem a média baixa [ɛ], enquanto as fricativas são favoráveis às variantes mais altas [e, i]. Em se tratando das variantes vocálicas posteriores, as oclusivas apenas favorecem a média baixa [ɛ], enquanto as fricativas só favorecem a alta [u].

O autor desse estudo pôde constatar que a vogal anterior [ɛ] é favorecida pelas consoantes laterais, nasais e oclusivas, como no exemplo —...*eeu qupeço as coisa aqui no te[l[ɛ],]fone*Já...oscontextos||; desfavoráveis à variante [ɛ] são os que apresentam africadas, tepe e fricativas.

Logo abaixo, o quadro 2 ilustra os resultados gerais dos dados.

Quadro 2: Quantitativo geral de ocorrência das variantes pretônicas orais em Marabá

	Ocorrência	Frequência (%)	Pretônicas orais posteriores	Ocorrências	Frequências (%)
Pretônicas orais anteriores					
[ɛ]	962	48%	[ɔ]	1028	51%
[e]	676	34%	[o]	537	27%
[i]	362	18%	[u]	432	22%
Totais	2000	100%	Totais	1997	100%

Fonte: Ronan Lucas Oliveira (2013) Adaptado

Visto desse modo, é possível perceber no trabalho de Oliveira (2013), que as variantes médias baixas [ɛ,ɔ] (48%, 51%) são as mais frequentes, o segundo quantitativo é apresentado pelas médias altas [e, o] (34%, 27%) e num quantitativo menor temos as variantes altas [i, u] (18%, 22%). Esses percentuais confirmam a hipótese de que o falar marabaense se constitui com o predomínio das variantes médias baixas [ɛ,ɔ], em maior

alternância com as médias altas [e, o]. Além disso, os valores percentuais reforçam a hipótese de que as variantes altas [i, u], as menos frequentes, sejam as mais estáveis no falar marabaense.

Geruza de Souza Graebin (2008) - A fala de Formosa/GO: pronúncia das vogais médias pretônicas.

Graebin (2008) se propôs a estudar uma das características da fala dos moradores da cidade de Formosa, trata-se da pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ na posição pretônica, observando as três variantes que foram detectadas, a saber abaixamento [ɛ,ɔ] elevação [i u] e a manutenção da pronúncia média fechada [e o]. Um dos objetivos desse estudo, segundo ela, está relacionado à falta de trabalhos significativos sobre a língua falada no estado de Goiás. No entanto, a motivação do trabalho da autora não se restringe apenas aos fatores linguísticos. O que despertou mais interesse de Graebin, (2008) é o fato de que a cidade de Formosa está localizada bem próxima do Distrito Federal, a capital federal, e por conta disso, recebe influências dos mais diversos segmentos, tanto na área política, econômica, social e cultural, criando assim uma tensão entre uma cidade antiga com hábitos rurais e outra moderna com hábitos urbanos. De acordo com a autora, os moradores de Formosa buscam diminuir essa tensão por meio das manifestações culturais e sociais, entre elas a língua.

Os informantes foram no total de 14, dos quais 7 foram selecionados com o perfil de que “trabalha em Brasília”, e os outros foram levadas em consideração também para esse trabalho as características dos informantes como escolaridade, sexo e nível socioeconômico. A faixa etária escolhida foi entre 30 a 45 anos e foi considerado que nessa idade o informante pudesse estar numa fase economicamente ativa.

Os pressupostos teóricos que foram tomados como base para o trabalho de Graebin (2008) foram os da Sociolinguística Variacionista. A autora optou por essa teoria por entender que ela consegue dar conta da variação entre os aspectos linguísticos e sociais, e que dessa forma é possível identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que

interferem na pronúncia das vogais médias em posição pretônica na comunidade formosense.

Em relação às variáveis linguísticas analisadas nesse estudo, pode-se destacar a vogal seguinte, que mostrou muito relevante para a variação das vogais médias pretônicas; o segmento seguinte, através do qual a autora constatou influência na elevação das vogais médias pretônicas diante pós-alveolares, palatais e velares pelo fato de serem produzidas com o dorso da língua levantado, carregando naturalmente o traço [+ alto]; o segmento precedente, levado em consideração apenas para a vogal /e/.

Analisando os resultados dos segmentos precedentes e seguintes, a autora constatou que nem sempre os fonemas realizados no mesmo ponto de articulação ou que compartilham os mesmos traços exercem o mesmo efeito sobre as pretônicas.

Em relação aos fatores extralinguísticos considerados por Graebin (2008), a análise dos pesos relativos da pretônica /e/ para a variável nível de escolaridade, indicou que os informantes com até 11 anos de estudo preferiram mais as variantes alta e média-aberta à média-fechada, enquanto que os informantes com mais tempo de escolaridade preferiram a média-fechada.

No que diz respeito à variante sexo, para a autora, as mulheres se mostraram mais favoráveis ao uso das variantes [ɛ] e [i], os homens por sua vez se mostraram mais conservadores.

Na análise geral dos dados, a autora fornece os percentuais de variação de cada vogal média. Abaixo, o quadro 3 demonstra esses dados.

Quadro 3: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Formosa

	Variante-média fechada [e o]	Variante-média aberta [ɛ o]	Variante alta [i u]
Vogal /e/	1445/2176=66,4%	445/2178=20,5%	286/2176=13,1%
Vogal /o/	1278/1947=65.6%	418/1947=21,5%	251/1947=12,9%
Total	2723/4123=66%	863/4123=21%	537/4123=13%

Fonte: Graebin (2008) Adaptado

Dadas as análises aqui apresentadas, observa-se que a variação na pronúncia da vogal média em posição pré-tônica parece ser um fenômeno geral no Português Brasileiro, tendo em vista ocorrer em diferentes comunidades. Tal variação, conforme atestam os estudos, está condicionada tanto a fatores linguísticos, quanto extralinguístico.

Uma vez que a realização da vogal média em posição pré-tônica é um fenômeno de variação bastante produtivo no Brasil, resta-nos observar de que maneira esse fenômeno ocorre em Serra Talhada. Assim, buscaremos na análise a ser apresentada no capítulo terceiro deste trabalho apresentar um quadro inicial que aponte para o padrão de manifestação das vogais médias na comunidade serra talhadense. A fim de situar os pressupostos que guiaram nossa análise, passamos a discutir, no próximo capítulo, o referencial que subsidiou nosso estudo.

2 . PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, explanaremos um pouco sobre a teoria e o método da Sociolinguística Variacionista. Dessa forma, dividimos o capítulo em três partes. Na primeira, apresentamos alguns conceitos sobre a Teoria da Variação linguística, como também, relacionamos esses conceitos com outros estudos teóricos. Na segunda parte, iremos abordar sobre a metodologia da pesquisa de campo da Sociolinguística. Na quarta parte, abordamos sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa, incluindo apresentação da comunidade de fala, a seleção dos informantes, coleta de dados, as variantes e as hipóteses.

2.1 A Teoria da Variação Linguística

Basicamente, a linguística foi considerada como ciência a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure (1916), que foi quem caracterizou a língua como um sistema de valores que se opõem uns aos outros, numa relação de dependência mútua, ou seja, num sistema em que os termos não se definem por si só, isoladamente, mas por uma relação de dependência recíproca. Sendo assim, por exemplo, não é a palavra *bola* que, isoladamente, indica singular, mas a relação de dependência *bola-bolas*. O valor de *bola*, nesse sistema, decorre da relação de dependência recíproca que mantém com *bolas*.

Dessa forma, essa relação de oposição e dependência recíproca opera de forma pura, isto é, os princípios estruturadores do sistema decorrem exclusivamente do campo linguístico. A língua vem a ser, então, um produto autônomo da mente de cada falante de uma comunidade. Considera-se, então, a linguística como uma ciência que visa o entendimento da língua do ponto de vista de sua estrutura interna. Essa concepção assume portanto, a linguagem verbal como objeto autônomo, definido por relações puramente linguísticas, denominado de estruturalismo.

Entretanto, a posição de outro linguista francês, André Martinet, numa visão pautada pelo estruturalismo, defende a concepção de que se devem esgotar todas as considerações de ordem interna para, só então, dar atenção aos fatores externos. No entanto, ele considera que esses fatores externos são provenientes do contato entre línguas, dialetos e usos diferentes. Nesse processo, a interação social está condicionada a fatores internos à língua e às configurações do próprio sistema estrutural.

Ainda na metade do século XX, o estudioso Noam Chomsky reformula o conceito de Linguística e atribui a ela um valor em que o objeto de estudo é a competência linguística do falante-ouvinte ideal pertencente a uma comunidade ideal. Propôs, então, a teorização conhecida por Gramática Gerativo-transformacional.

Na concepção de Chomsky, as crianças possuem um conhecimento inato que diz o que é uma língua humana possível e as orienta no processo de aquisição dessa língua. Dessa forma, a Linguística tem a tarefa de criar um modelo desse mecanismo inato, chamado tecnicamente de gramática universal. Nesse contexto, o fator principal para os linguistas é a aquisição da língua pelas crianças, onde as mesmas, expostas a poucos dados, num curto espaço de tempo passam a dominar todos os mecanismos estruturais básicos da língua de sua comunidade.

Bakhtin (1990, p.23), por sua vez, propõe uma abordagem voltada ao uso e reflexão do signo linguístico, atribuindo às palavras, e ao seu significante, um valor de relação social, uma vez que elas interagem com o contexto em que estão inseridas, ou seja, o autor parte do pressuposto de que as palavras não dizem sempre a mesma coisa.

Cada autor, a seu tempo, do ponto de vista linguístico, faz uma reflexão acerca das concepções históricas da linguística e adota determinada postura em relação a sua realidade. Apesar de muitos linguistas reconhecerem a interdependência de língua e discurso, do ponto de vista do estruturalismo, o único objeto de estudo da linguística, é a língua.

Em oposição ao pensamento saussureano, a Gramática Gerativo-transformacional, postulada por Chomsky, permite ao falante gerar um número infinito de orações que ele nunca usou antes e, ao mesmo tempo, ser capaz, igualmente, de entender orações para ele novas. Chomsky preconiza, portanto, a criatividade.

No entanto, defender uma ou outra perspectiva, não significa dissolver as especificidades do linguista no social. Faraco (1991, p. 41) afirma que: "[...] reconhecer a língua como uma realidade essencialmente social que, correlacionada com a multifacetada experiência econômica, social e cultural dos falantes, apresenta-se, em qualquer situação, como uma realidade heterogênea, como um conjunto de diferentes variedades”.

Sob essa ótica, surge a Sociolinguística, uma concepção contrária às correntes estruturalistas e gerativas, a qual se preocupa com o lugar da língua na sociedade e, em particular, com o contexto social da diversidade linguística.

2.2 Variação Linguística

Embora entendida como uma propriedade do ser humano, a língua é um fato social. Dessa forma, entende-se como um produto cultural coletivo, um objeto especial pertencente a determinado grupo social e que a todos se impõe como uma pauta ou norma definida (CÂMARA JR., 1967, p.24), uma espécie de patrimônio com características sócio-culturais próprias. Admitimos então que, como todos os fatos sociais, as línguas também estão sujeitas a um número imenso de mudanças, assim como a própria sociedade.

A língua, assim como a sociedade, evolui no tempo e no espaço, sob a ação de diversos agentes, encontram-se em constante transformação, como instituição dinâmica em movimento temporal incessante (CÂMARA JR., 1967, p.39). Contudo, as transformações ocorrem tanto na perspectiva sincrônica como diacrônica. É exatamente nisso que está

ancorada a condição básica da pluralidade de línguas que existem no mundo. Se, num dado momento, esta ou aquela forma ou conjunto de formas linguísticas for apenas uma variante ou um conjunto de variantes linguísticas de determinada língua, com o tempo poderão passar a constituir formas de línguas distintas. Estas, por sua vez, terão outras variantes que, no decorrer dos séculos, poderão dar origem a outras tantas novas línguas.

Provavelmente a variação é um fato tão antigo quanto às próprias línguas. São numerosas as referências, ao longo da história das línguas, que confirmam sua existência entre os mais diferentes povos. No entanto, por muito tempo ela foi ignorada nos estudos linguísticos.

A Variação Linguística deve estar de fato associada à natureza da própria língua, principalmente ao seu caráter social, numa inevitável inserção em seu próprio contexto social e processo histórico. Desse modo, a língua, em cada momento e situação, sempre tem refletido o ambiente social de seus usuários. Tem sido o grupo social quem impõe sua forma de falar a seus membros e deles exige o uso de acordo com a maioria e, o homem, normalmente, fala a língua de seu grupo. Daí, a condição mínima para o ser humano aprender uma determinada língua é estar inserido em um grupo social.

Muitas vezes as diferenças linguísticas de um falante para outro e as diferenças de um grupo social para outro são observadas perfeitamente|. Porém, também se percebe que a escolha pode não ser sempre a mesma até quando se considera um único falante. É comum por exemplo no Português Brasileiro, o mesmo indivíduo alternar produções como p[e]pino e p[i]pino.

Possivelmente, por séculos, essas possibilidades de escolha podem coexistir de modo estável em uma língua. Também pode acontecer que uma delas passe a ser claramente preferida pelos falantes, o que caracterizaria uma mudança em progresso, prolongada até o momento em que as formas preteridas desapareçam e somente a forma mais usada permaneça na língua ou dialeto. Quando esse estágio é atingido, diz-se que a mudança linguística se completou e a regularidade é atingida. (LABOV, 1972; TARALLO, 1986; MOLLICA, 1992).

Com a Teoria da Variação Linguística ou Sociolinguística Laboviana, buscou-se uma justificativa satisfatória para as escolhas realizadas pelos falantes. A partir de 1960, iniciaram-se os questionamentos, em termos empíricos e teóricos, sobre a sistematicidade

do fenômeno da linguagem e sua relação com o fato social. A Teoria da Variação Linguística ou Sociolinguística Quantitativa, como também é conhecida estuda as correlações sistemáticas entre formas linguísticas variantes (diferentes formas de dizer a mesma coisa) e determinados fatos sociais, como a classe sócio-econômica, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes. Desse modo, amplia-se o estudo da variação, acrescentando-se à dimensão geográfica a dimensão social como fator de diferenciação linguística. A Sociolinguística realiza em sua investigação uma correlação entre os aspectos do sistema linguístico e aspectos do sistema social, focalizando a variação, entendida “como um princípio geral e univ analisada”MOLLICA,(1994). Isto significa dizer que, do ponto de vista sociolinguístico, a heterogeneidade da língua é passível de sistematização e, portanto, previsível.

A língua passa a ser considerada como um sistema, a partir dessa nova proposta, possuindo regras variáveis e categóricas. Porém, nem todos os fatores da língua estão sujeitos à variação. Algumas regras não podem ser desrespeitadas, sob pena de dificultar a comunicação. Para que ocorra uma variação, é necessário haver um número considerado de ocorrências, ou seja, deve-se registrar um certo índice de frequência, não arbitrarias, para que possa ser considerada uma variável.

Para se conhecer os motivos pelos quais os índices são encontrados, o pesquisador deve munir-se de teorias linguísticas existentes, seja na área da semântica, sintaxe ou da fonologia. Deve-se partir da investigação para diagnosticar as variáveis que contextualizam as variantes, dessa forma, busca-se o grau de mutabilidade e estabilidade da variação. Por um longo período, havendo variação, as variantes mantem-se estáveis no sistema, e podem levar uma das formas variantes a prevalecer sobre a outra.

Existem dois eixos que podem definir a variação: o eixo diatópico e o eixo diastrático. O primeiro define alternâncias regionais e os limites são físico-geográficos; o segundo define as alternâncias de acordo com os estratos sociais e os limites são sociais. A variação é contínua, nessas duas perspectivas, horizontal e vertical, sem demarcações geográficas ou sociais exatas, a não ser que definidas em termos de tendências a empregos de certas formas as quais são motivadas por condicionamentos diversos. De acordo com Mollica (1984), os fatores de condicionamento que concorrem para o emprego de formas variantes são em geral em grande número, e agem simultaneamente emergindo de dentro ou de fora dos sistemas linguísticos.

Desse modo, é possível identificar variáveis internas e externas à língua. As primeiras incluem os fatores semânticos, discursivos e lexicais; e as segundas incluem os fatores inerentes ao indivíduo, como sexo, idade e etnia. Existem também os fatores sócio-geográficos, como região, escolaridade, nível de renda, profissão e classe social; e os fatores contextuais, como grau de formalidade e tensão discursiva.

Independentemente da influência ou não de fatores linguísticos e extralinguísticos, a metodologia da Teoria da Variação possui um aparato estatístico útil e eficiente no estudo de qualquer fenômeno existente na língua vista como uma estrutura heterogênea e ordenada.

2.3 Metodologia para a pesquisa Sociolinguística Variacionista

De acordo com Labov, para se obter dados naturais e de qualidade, o pesquisador sociolinguista deve partir de situações naturais, como se fosse um diálogo entre amigos, onde o entrevistado possa se sentir à vontade, com o mínimo de monitoramento. Desse modo, é possível coletar dados da fala bem espontâneos. O entrevistador pode organizar um roteiro, adaptado para a comunidade em estudo, de modo que promova a conversação. As entrevistas devem conter diferentes assuntos, propiciando estímulos à fala.

Para Tarallo (2007), a narrativa de experiências pessoal é a mais propiciadora de dados naturais. Ao relatar situações que o envolvem emocionalmente, o falante presta o mínimo de atenção como diz para ficar atento ao que diz.

É importante frisar que para que o pesquisador realize uma análise linguística, ele deve coletar uma quantidade considerável de dados, produzidos de modo natural, sem que a sua presença possa causar interferência na situação comunicativa. Entretanto, o pesquisador deve participar da conversa, controlando assim, os temas da comunicação. Para que a naturalidade da conversa prevaleça, Labov propõe que o entrevistador demonstre interesse em conhecer os problemas da comunidade, deve-se mostrar interessado na história e nos costumes locais, neutralizando assim, os efeitos negativos causados pela presença do mesmo. Dessa forma, é possível fazer com que o “vernáculo” se sobressaia.

2.4 Metodologia utilizada nesse trabalho

Nesta seção, apresentamos o processo pelo qual foi realizada a pesquisa, como foi realizada a coleta dos dados, a seleção dos informantes, quais os fatores analisados e apresentamos também, a comunidade de fala, a qual foi escolhida para esse estudo.

O *corpus* analisado foi constituído a partir dos dados coletados pela aluna Maria Raquel de Souza Silva, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Ensino Médio (PIBIC-EM), sob a orientação do professor Adeilson Pinheiro Sedrins. Os dados foram coletados conforme os princípios da Teoria da Variação e da Mudança, descrito por Tarallo (2007). O período de coleta ocorreu entre os meses de junho e julho de 2016 na cidade de Serra Talhada. De acordo com a aluna, para a coleta dos dados, foi elaborado um texto com palavras dentro do tema proposto, para que em seguida fosse realizada a seleção de doze informantes. Os mesmos foram induzidos a ler o texto, a fim de gravar a leitura para realizar a análise da pronúncia das vogais médias pretônicas. Foram considerados para a análise apenas os fatores linguísticos.

2.5 Seleção dos informantes

Ainda de acordo com a aluna, após a criação do texto, contendo palavras com vogais médias em posição pretônica, foram selecionados doze voluntários (seis do sexo feminino e seis do sexo masculino) variando a faixa etária entre 15 a 25 anos. Segundo ela, os informantes foram induzidos a ler em voz alta o texto proposto. Nele estavam contidas palavras que apresentam o contexto da pesquisa (palavras com vogais médias anteriores e posteriores em posição pretônica). Essas palavras foram selecionadas e transcritas de acordo com as convenções do Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

Segundo Paiva, não (2004, há fórmula mágica. 1137), ou modelos “inquestionáveis, existem, sim, alguns princípios que o pesquisador deve seguir para obter o máximo possível de regularidade e coerência no trabalho de transcrição”. Contudo, acreditamos que é possível transcrever os dados adotando esses procedimentos, e assim, captar o que foi dito pelo entrevistado da maneira mais fiel.

2.6 Coleta dos dados

Após a coleta das doze leituras, foram utilizadas tabelas para avaliar as entrevistas individualmente, observando-se a pronúncia das vogais em relação ao contexto para ver se há influência na variação. No total, vinte palavras foram selecionadas para a análise, dessas, dezesseis com a vogal média anterior e cinco contendo vogal média posterior na posição de sílaba pretônica.

2.7 Comunidade de fala

O município de Serra Talhada está localizado no sertão do estado de Pernambuco, na região do Vale do Pajeú, fica a 415 km de distância da capital, Recife. Possui uma população estimada em mais de 80 mil habitantes. De acordo com dados do IBGE (2015), Serra Talhada continua sendo a maior cidade da região do Pajeú, e a segunda que mais cresce no sertão pernambucano, atrás apenas de Petrolina. Administrativamente, o município é formado pela sede e pelos distritos de Bernardo Vieira, Pajeú, Tauapiranga, Caiçarina da Penha, Logradouro, Luanda, Santa Rita e Varzinha. Atualmente, com o slogan de “Capital do xaxado” Serra Talhada constitui um importante pólo em saúde, educação e comércio.

Figura1: Vista do centro de Serra talhada

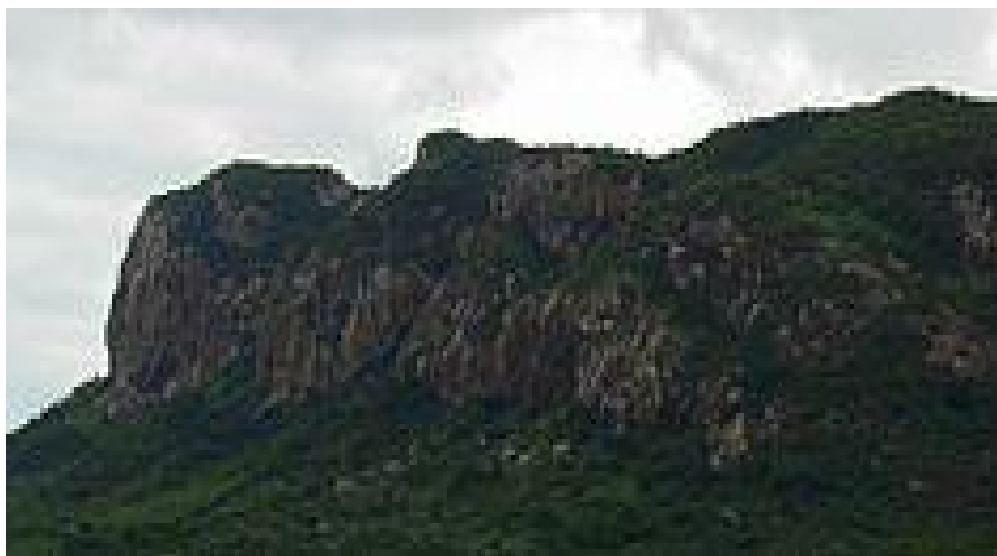


2.7.1 Serra Talhada: Origem Histórica

Durante a colonização do interior do nordeste, os colonizadores não dispunham de capital para instalar engenhos açucareiros ou até mesmo para plantar cana. Devido a isso, começaram a dedicar-se à atividade pecuária, especialmente à criação do gado bovino. Desta forma, a pecuária tornou-se uma atividade econômica que complementava a do sistema açucareiro e passou a desenvolver-se em áreas longínquas, forçando assim um processo de interiorização e conseqüentemente, a conquista dos sertões. Nesse processo, o Rio São Francisco e o vale dos seus afluentes foram muito utilizados até às adjacências da Cachoeira de Paulo Afonso. Essa trilha foi seguida pelos colonizadores pernambucanos e baianos.

A cidade de Serra Talhada teve seu início em meados do século XVIII, com a chegada do capitão-mor da esquadra portuguesa, Agostinho Nunes de Magalhães, que arrendou a sesmaria à Casa da Torre, às margens do Rio Pajeú e no sopé da Serra Talhada, instalou a fazenda de criar gado que denominou Fazenda da Serra Talhada, numa alusão direta à serra que lhe emprestava o nome.

Figura 2: Serra que deu origem ao nome da cidade



Fonte: Blog Farol de Notícias

Agostinho Nunes de Magalhães juntamente com seus filhos Joaquim, Pedro, Damião, Manoel e Filadephia, como tantos outros portugueses, migrou para o Brasil na esperança de instalar um engenho de cana-de-açúcar, e só depois de desembarcarem é que descobriram não possuir capital suficiente para tal empreitada, assim, seguindo os passos de outros compatriotas seus, adentraram nos sertões para explorar a criação de gado. A posição privilegiada dos currais de Agostinho Nunes, nos caminhos que levavam ao Ceará, Paraíba, e Bahia, logo passaram a ser ponto de encontro de vaqueiros e peões que transportavam seu gado para estes estados, e assim, despreziosamente começa a formar-se um ajuntamento de feirantes, negociando principalmente animais, dentre outros bens. Isto aconteceu por volta de 1789/1790, na mesma época em que era erigida uma capela para a fazenda sob bençãos de Nossa Senhora da Penha.

Segundo o pesquisador Luiz Lorena, a Capela da Penha foi construída defronte à casa grande da fazenda, nos anos de 1789/90, por Filadelfa Nunes Magalhães, filha do consórcio de Agostinho Nunes de Magalhães com uma nativa Cariri. Luiz Lorena, revelara que o enceto ao desenvolvimento de Serra Talhada se deu a partir da edificação de uma capela dedicada à Nossa Senhora da Penha. Para edificação da Capela da Penha foi utilizada a mão-de-obra escrava.

Em torno da Capela desenvolveu a fazenda Serra Talhada, que em 1851 foi emancipada como o nome de Villa Bella. Na cidade recém- emancipada, o uso da mão-de-obra escrava foi pouco explorado em função dos altos valores para compra e também pelo medo de que os escravos cuidando dos animais nos arredores da fazenda poderiam se aproveitar para fugir (LORENA, 2001, p. 109)

Com o comércio surgido pelo ajuntamento dos vaqueiros, peões e tropeiros, a fazenda começa a tomar ares de povoado e logo se transforma em Villa Bella, nome adotado quando de sua emancipação de Flores, até então cabeça de comarca, em 6 de Maio de 1851. A partir dessa data passa a ter um intendente, o Coronel da Guarda Nacional Manoel Pereira da Silva Comendador da Ordem da Rosa e de Cristo neto do fidalgo da Casa da Torre José Carlos Rodrigues e sua esposa Ana Joana Pereira da Cunha, fundadores das históricas Fazendas Sabonete, Carnaúba, patriarcas da poderosa família Pereira que foram senhores e barões de toda ribeira do Pajeú, verdadeiros ícones do coronelismo brasileiro.

Em 1893 é instalada a primeira Câmara Municipal de Serra Talhada e eleito seu primeiro prefeito, Andreino Pereira da Silva, o Barão do Pajeú. Somente em 1939, por um

decreto do então governador Agamenon Magalhães, Villa Bella recebe de volta seu nome de origem e passa a chamar-se Serra Talhada –“Terra de cabras Macho”.

A história da cidade é uma das mais ricas de todo o estado de Pernambuco. Seus fundadores participaram ativamente da história de Pernambuco e do Brasil, e seus descendentes, como Agamenon Magalhães, figuram entre as principais lideranças políticas brasileiras.

2.8 Definição das variáveis

A fim de alcançarem-se as regras que regulam a heterogeneidade linguística, pressuposto básico da Teoria da Variação Linguística, faz-se necessário, inicialmente, proceder à identificação das dimensões linguísticas e não-linguísticas que podem estar atuando na escolha de uma ou de outra variante de uma determinada variável.

Existem portanto, dois grupos de elementos envolvidos no processo de variação: a variável dependente, que é composta pelas variantes linguísticas que são as formas em variação, e as variáveis independentes, que são compostas pelos fatores que condicionam a realização das variantes (MOLLICA, 2003).

Nesse sentido, destacaremos em seguida os fatores linguísticos que analisaremos nesse estudo.

Variáveis dependentes:

- Vogal alta –[i],[u]
- Vogal média-alta –[e],[o]
- Vogal média-baixa - [ɛ], [ɔ]

Variáveis independentes (linguísticas):

- Distancia da sílaba tônica;
- Posição da sílaba inicial;

- Contexto fonológico precedente;
- Contexto fonológico seguinte;
- Vogal da sílaba tônica

Foram desconsideradas nesse trabalho as variáveis extralinguísticas, pelo fato de não dispormos desses dados para investigação.

2.9 Hipóteses sobre as variáveis

Neste trabalho, observamos a realização da variação das vogais /E/ e /O/ como variáveis dependentes, na comunidade serra-talhadense. Assim, percebemos que o fenômeno apresenta cinco variantes diferentes, desse modo, é possível afirmar que as variáveis dependentes analisadas nesse estudo são eneárias (com quatro ou mais variantes). Exemplificamos abaixo algumas variantes retiradas do *corpus* analisado.

- Média-alta anterior [e]
[e]logio - [e]scrito
- Média-baixa anterior [ɛ]
n[ɛ]gativa - dif[ɛ]rença
- Vogal alta [i]
[i]stamos - [i]xtremamente
- Média-alta posterior [o]
El[o]gio
- Média-baixa posterior [ɔ]
c[ɔ]ração - j[ɔ]rnada

Os exemplos acima indicam que a variação das vogais médias pretônicas no Português Brasileiro ocorre de modo bem amplo. As vogais podem sofrer variação de pronúncia, quando realizadas na posição que antecede a sílaba tônica, podendo ser pronunciadas como vogais abertas ou vogais fechadas. Dessa forma, Segundo Guimarães (2006), o uso de vogais abertas tem sido uma característica observada na fala de comunidades localizadas no nordeste do

Brasil, enquanto que em comunidades localizadas nas regiões sul e sudeste preferem a pronúncia da vogal fechada.

Ao estudar essas variações, Naro (1971, *apud* Oliveira 2013) afirma que tais flutuações têm suas raízes no português do século XIV. Bisol (1981), por sua vez, menciona em seu estudo a ocorrência dessas flutuações no dialeto gaúcho, e mostra que a variação no uso das vogais altas e médias não é um fenômeno atual. Essas ocorrências de acordo com a autora, “*parecem ter sido herdadas do latim, onde as flutuações foram identificadas desde o século IV e VI*” (Bisol, 1981, p.255).

Em se tratando das variáveis independentes, podemos considerar que tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos possam interferir na atuação de uma ou de outra variante. Para análise dos possíveis favorecedores das variáveis dependentes, selecionamos a distância da sílaba tônica, a posição da vogal pretônica, o contexto fonológico precedente, o contexto fonológico seguinte e a vogal da sílaba tônica.

Bisol (1981) considera que os fatores adjacentes podem ser importantes para a ocorrência das diferentes variantes das vogais médias. A mesma verificou em seu trabalho que a vogal alta da sílaba seguinte, independente da sua tonicidade, se mostra favorecedora da regra de alteamento das médias, assim como a presença de uma vogal alta, tônica ou não, em sílaba não-imediata, desfavorece a aplicação da regra. Ainda segundo a autora, o contexto consonantal precedente e seguinte influencia na realização alta das médias.

Por sua vez, Bortoni (1991), ao investigar a fala dos alagoanos que residem no Estado e os que emigraram para Brasília, Já adultos, e a de falantes já nascidos e criados em Brasília, constatou que as vogais altas são as que mais favorecem o alteamento (tanto orais, quanto nasais), assim como as consoantes precedentes palatais, além das labiais em contexto seguinte.

De maneira geral, acreditamos que todas as variantes selecionadas para a análise estarão presentes na fala da comunidade investigada, com mais predominância da pronúncia das vogais abertas [ɛ,ɔ].

3. ANÁLISE DOS DADOS

O objetivo deste capítulo é realizar uma análise quantitativa dos dados extraídos da fala de 12 informantes, coletados na cidade de Serra Talhada, a fim de chegar a uma compreensão dos condicionadores linguísticos que atuam na ocorrência de cada variante nessa comunidade de fala.

Apresentamos a seguir o cálculo geral dos dados cujos resultados decorrem de análises sobre o *corpus* com 252 ocorrências, 192 em vocábulos com as variantes anteriores [ɛ, e, i] e 60 com as posteriores [ɔ, o]. A quantificação dos segmentos vocálicos orais médios pretônicos, na fala Serra-talhadense, confirma o sistema de variação do Português Brasileiro.

Observe o quadro 4 a seguir:

Quadro 4: número de ocorrências das vogais pretônicas

Vogal	Ocorrências
[e]	63
[ɛ]	117
[i]	12
[o]	9
[ɔ]	51
Total Geral de vogais	252
médias	

De acordo com o gráfico 1, a vogal média-baixa anterior atinge um número de ocorrência bem considerável, num total de 117 ocorrências, contra 75 das demais somadas. Logo, percebemos a maior tendência ao uso das variantes médias anterior [ɛ, e], confirmando assim uma das hipóteses postas nesta pesquisa, a de que a variante [ɛ] seria a mais predominante.

Abaixo na tabela 3, apresentamos as palavras que apresentavam a vogal média anterior em posição pré-tônica e as porcentagens em relação às variantes realizadas.

Tabela 3: Percentual das ocorrências das variantes [e, ε,i] na fala serra-talhadense

	[e]	[ε]	[i]
1. Escrito	11(91.6%)		1(8.3%)
2. Geral		12(100%)	
3. Extremamente	11(91.6%)		1(8.3%)
4. Negativa		12(100%)	
5. Diferença		12(100%)	
6. Deserto	9(75%)	3(25%)	
7. Perigoso	12(100%)		
8. Pessoal	11(91.6%)	1(8.3%)	
9. Presentes		12(100%)	
10. Questionar		12(100%)	
11. Apertado		12(100%)	
12. Estamos		2 (16.6%)	10 (83.3%)
13. Realmente		12(100%)	
14. Realizando		12(100%)	
15. Merece		12(100%)	
16. Elogios	9(75%)	3(25%)	
Total	63	117	12

No caso das palavras contendo vogal média posterior em posição pretônica, quatro das cinco palavras (80%) não apresentaram som variou em 75% (nove em doze) dos casos para [o] e nos 25% restantes para [ɔ].

Tabela 4: Percentual de ocorrências para as vogais média posterior [ɔ, o]

	[ɔ]	[o]
Opinião	12(100%)	
Corajosa	12(100%)	
Jornada	12(100%)	
Coração	12(100%)	
Elogio	3(25%)	9(75%)
0, Total	51	9

Ao apresentarmos os resultados, vemos que as variantes médias [ɛ,ɔ] são as mais frequentes. Esses percentuais confirmam a hipótese de que o falar serra-talhadense se constitui com o predomínio dessas variantes. Além disso, os valores percentuais reforçam a hipótese de que as variantes altas [i, u], as menos frequentes, sejam as mais estáveis no falar dessa comunidade.

3.1 Fatores linguísticos que interferem na variação das vogais médias pretônicas

Para a análise das variáveis independentes, consideramos as seguintes variáveis linguísticas: a distância da sílaba tônica, a posição da vogal pretônica, o contexto fonológico precedente, o contexto fonológico seguinte e a vogal da sílaba tônica. Como já falamos anteriormente, quanto aos fatores extralinguísticos, não pudemos analisar por falta de dados significantes. Trazemos a análise de cada um a seguir.

Trazemos a análise de cada um a seguir.

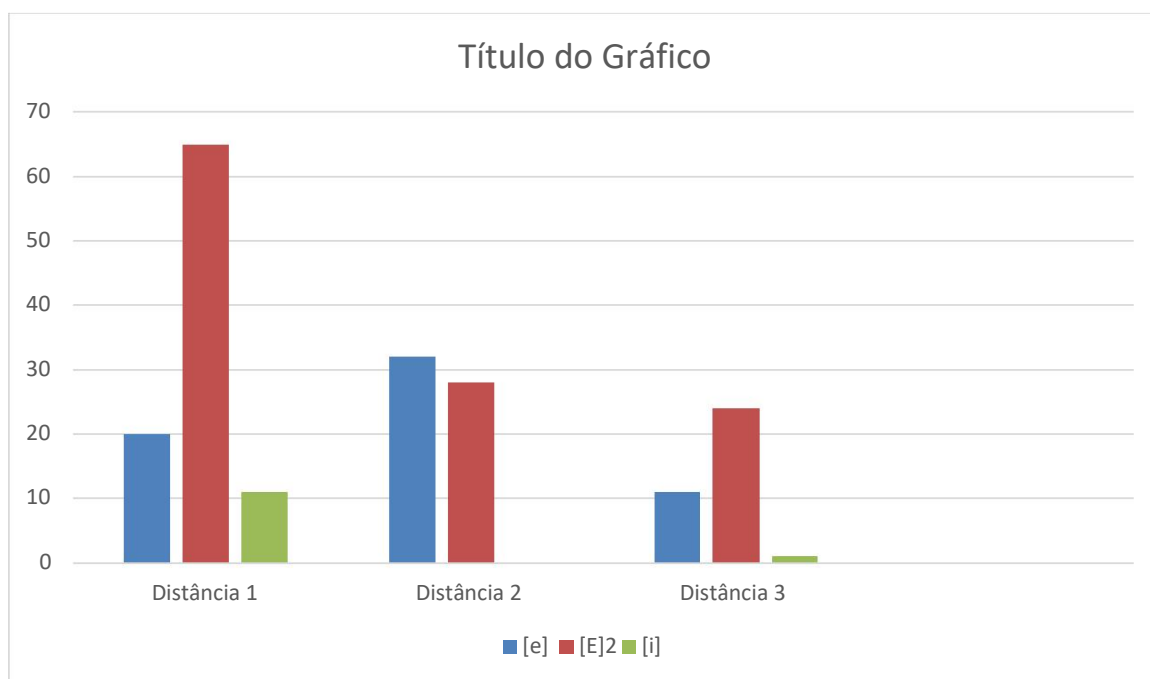
3.2.1 Distância da sílaba tônica

Essa variável refere-se à distância da sílaba com média pretônica candidata ao alçamento ou abaixamento com relação à sílaba da vogal tônica. A classificação feita foi: distância 1, quando as sílabas eram adjacentes como em [ɛ]*scrito*, a vogal se sobressai com o maior número de ocorrências, com 65 pronúncias. Distância 2, quando havia uma sílaba interposta entre elas, como em *r[ɛ]almente*, ficando em segundo lugar nas ocorrências. E a distância 3, quando duas sílabas separavam a tônica da pretônica em questão, como em [ɛ]*xtremamente*¹.

Pode-se dizer então que quanto maior for a distância entre a sílaba tônica e a pretônica, contendo a vogal objeto do fenômeno em questão, menor é a possibilidade de ocorrer o alçamento. Podemos ver no gráfico abaixo.

¹ Optamos por não diferenciar palavras derivadas de palavras primitivas, o que poderia ser um fator relevante para a análise. Essa opção se deu por conta de prazos para finalização do trabalho aqui apresentado.

Gráfico 1: Vogal pretônica anterior [e, ε,i] e a distância da sílaba tônica

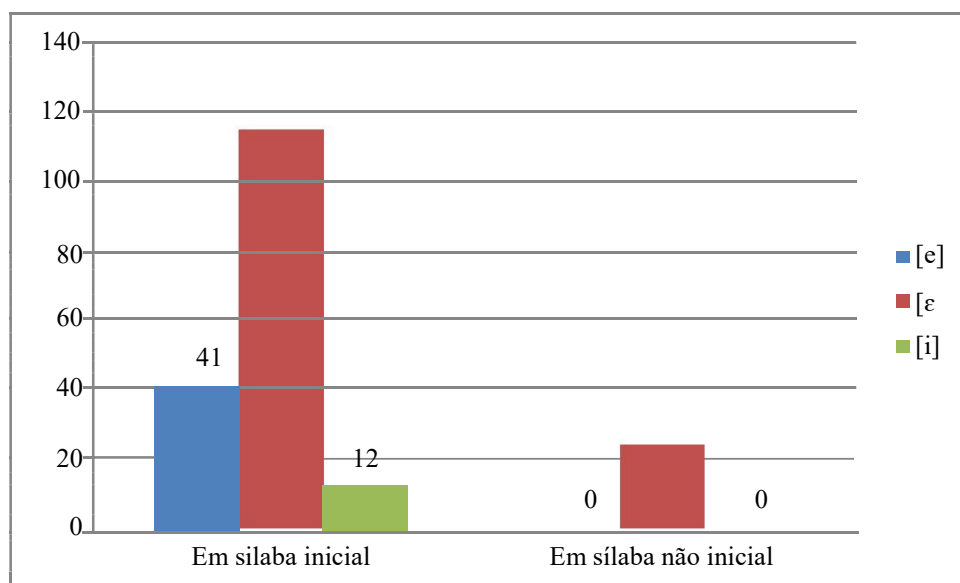


Fonte: elaborado pela autora

3.2.2 Posição da vogal pretônica

Considerando a posição da vogal pretônica no vocábulo, observamos 41 ocorrências para vogal média alta [e] na sílaba inicial; 139 ocorrências para a vogal média baixa [ε], sendo que 115 foram em sílaba inicial, e 24 ocorrências em sílaba não inicial; para os vocábulos que ocorreram o alteamento da vogal [i] foram 12 ocorrências em sílaba inicial.

Gráfico 2: Posição das sílabas pretônicas [e, ε,i]



Fonte : elaborado pela autora

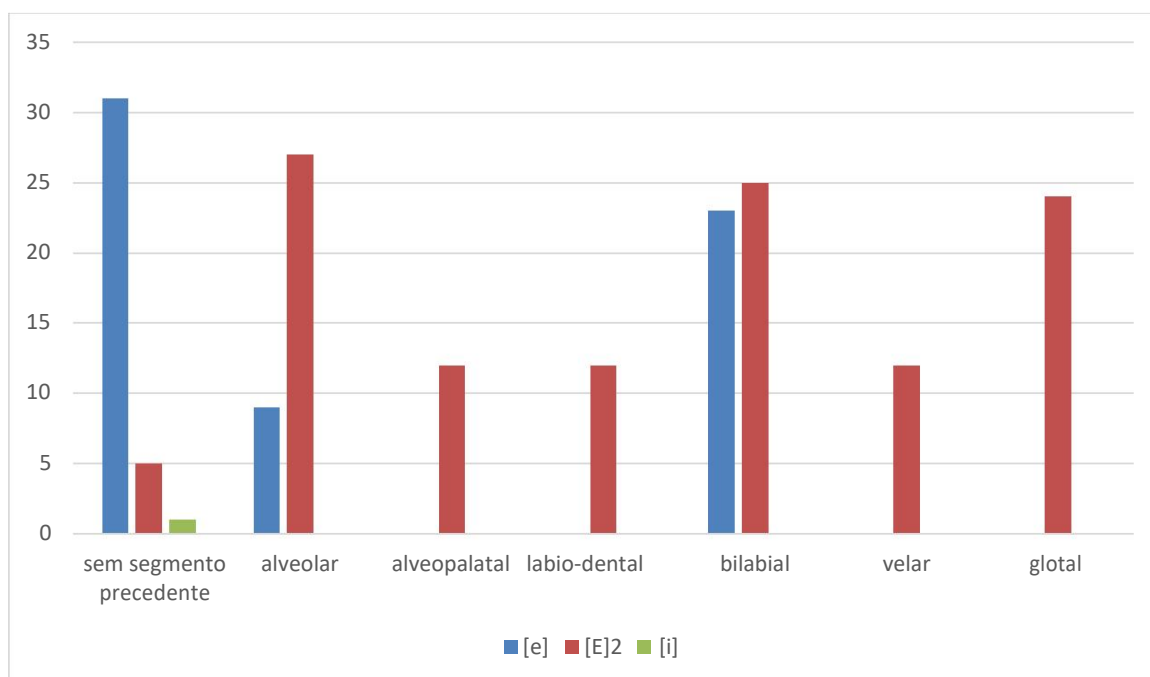
3.2.3 Contexto fonológico precedente

Considerando o segmento imediatamente precedente da vogal média anterior em sílaba pré-tônica, dado o universo das palavras selecionadas para análise, identificamos os seguintes contextos: vogal precedida de nenhum segmento (*escrito, extremamente, elogios*), vogal precedida por lábio-dental (*diferença*), vogal precedida por alveolar (*negativa, deserto, presentes*), vogal precedida por bilabial (*perigoso, pessoal, apertado, merece*), vogal precedida por consoante velar (*questionar*) e vogal precedida por consoante glotal (*realmente, realizando*).

É importante salientar que utilizamos como critério o *lugar de articulação* da consoante, seguindo a análise apresentada por Celia (2004).

Comparando com o estudo de Celia (2004), as consoantes palatais são as mais favoráveis ao alteamento de /e/, seguidas pelas bilabiais. As alveolares e velares aparecem com índices que podem ser interpretados como neutros, enquanto as labiodentais tendem a preservar a média /e/. Demonstramos no gráfico abaixo.

Gráfico 3: Contexto fonológico precedente para as vogais [e, ε, i]



Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados no gráfico acima sugerem que nos contextos em que a vogal média pré-tônica não é antecedida por nenhum outro segmento, ou seja, está no início da palavra, a realização como vogal aberta (média baixa) apresenta menor ocorrência. Esse contexto também foi o único em que foi observado o alteamento da vogal (realização como [i]).

O contexto em que a vogal é antecedida por uma bilabial merece ser melhor explorado, tendo em vista termos observado um mesmo quantitativo de ocorrência para as variantes [e] e [E]2.

Considerando os contextos de vogais médias posteriores e os segmentos imediatamente precedentes, no universo de palavras investigados, foram identificados os seguintes: vogal média posterior sem segmento antecedente (início de palavra) (*opinião*), consoante velar (*corajosa, coração*), consoante alveopalatal (*jornada*), consoante alveolar (*elogio*).

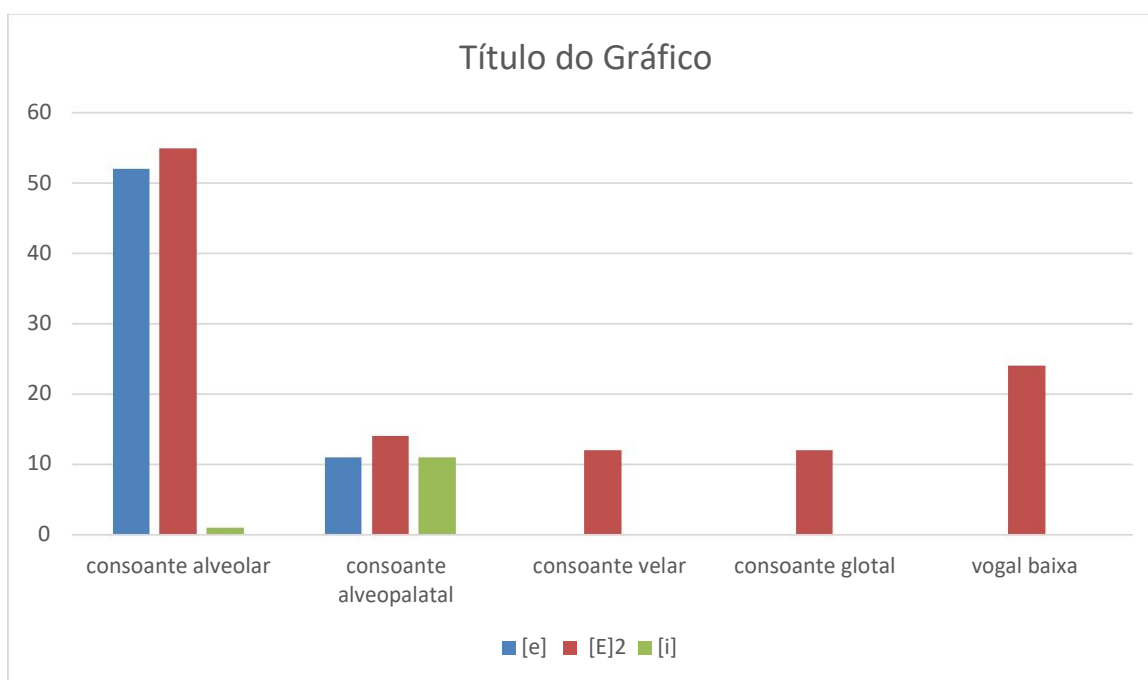
Conforme apresentado anteriormente, apenas no contexto da palavra *elogio* foi observada uma variação de realização da vogal. A maior quantidade de realização (9 ocorrências = 75%) foi como vogal média alta (vogal fechada), contra 3 ocorrências (25%) de realização como vogal média baixa. Acreditamos que esse resultado, nesse contexto específico, possa ser também interferência da vogal da primeira sílaba, que foi majoritariamente realizada como vogal média alta.

3.2.4 Contexto fonológico seguinte

Consideremos primeiro os contextos das vogais médias anteriores. Nos contextos analisados, foram identificados os seguintes segmentos imediatamente seguintes à vogal: consoante alveolar (*escrito, geral, diferença, deserto, perigoso, pessoal, presentes, merece, elogios*); consoante alveopalatal (de acordo com a pronúncia dos informantes – *extremamente, questionar, estamos*); consoante velar (*negativa*); consoante glotal (*apertado*) e vogal baixa (*realmente, realizando*).

O gráfico 4 abaixo apresenta a realização do vogal média anterior, de acordo como o contexto seguinte.

Gráfico 4: Contexto fonológico seguinte para as vogais [e, ε, i]



O gráfico acima foi construído considerando-se o número absoluto de ocorrências. De acordo esse gráfico, considerando o segmento seguinte à vogal média anterior pré-tônica, apenas os contextos seguidos por consoantes alveolares e alveopalatais permitiram observar uma variação na pronúncia. Nos demais contextos, foi categórica a realização como vogal média baixa.

Já para as ocorrências de [o], observamos que a predominância é para a vogal média-baixa posterior. O único contexto de variação foi o da palavra *elogio*, em que a

vogal média pré-tônica [o] foi realizada três vezes como vogal aberta (média baixa) e nove vezes como vogal fechada (média alta). Nesse contexto, a vogal é seguida de uma consoante alveopalatal.

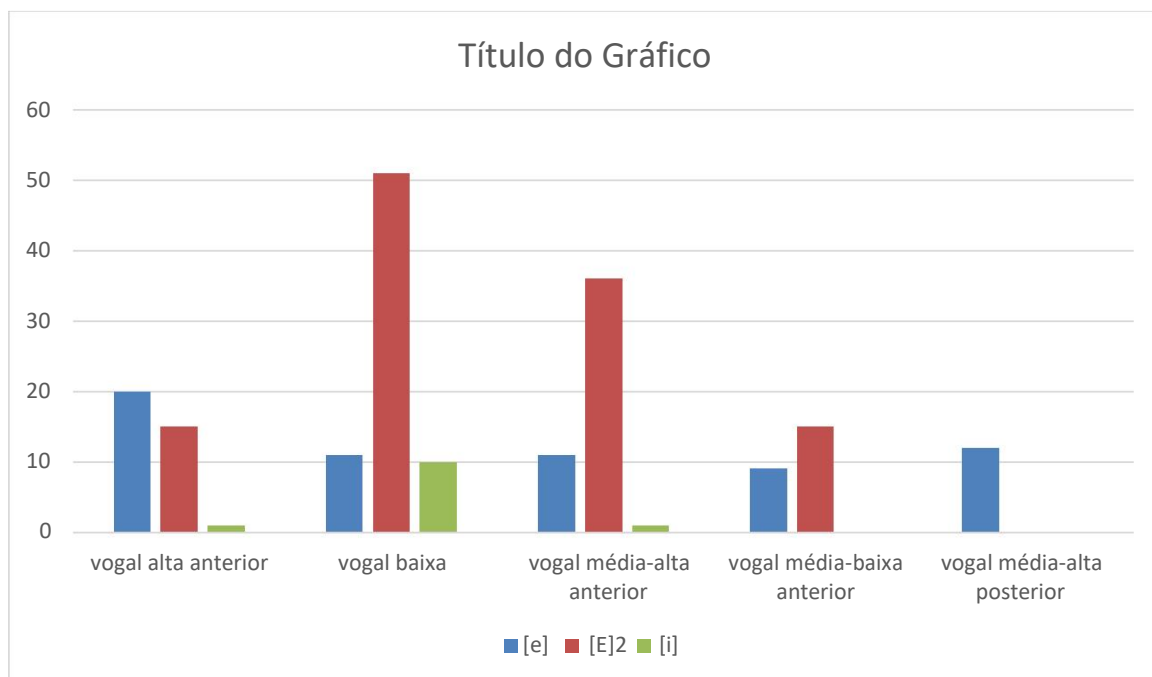
3.2.5 Vogal da sílaba tônica

Nesta subseção iremos discutir os resultados da realização das vogais médias, em relação ao tipo de vogal realizada na sílaba tônica, a fim de verificar como se comportou essa realização e se podemos observar algum condicionamento.

Para a análise da realização da vogal média anterior em sílaba pré-tônica, foram identificadas as seguintes vogais na sílaba tônica: vogal alta anterior [i] (*escrito, negativo, elogios*); vogal baixa [a] (*geral, pessoal, questionar, apertado, estamos, realizando*); vogal média-alta anterior nasal [~e] (*extremamente, diferença, presentes, realmente*); vogal média-baixa anterior [ɛ] (*deserto, merece*) e vogal média-alta posterior [o] (*perigoso*).

O gráfico5 abaixo apresenta os resultados.

Gráfico 5: Ocorrências de alteamento/ abaixamento das vogais [e, ɛ, i] em relação à vogal da sílaba tônica



O gráfico 5 acima sugere que a presença de vogal alta anterior e média alta posterior na sílaba tônica favorecem a realização da vogal média, na posição pré-tônica, como vogal média alta, como se houvesse uma busca de *harmonização vocálica*. Por sua vez, a presença de uma vogal baixa na sílaba tônica favorece o abaixamento da vogal média na posição pré-tônica. As vogais médias na sílaba tônica também favoreceram uma maior realização de abaixamento da vogal média pré-tônica.

Para a vogal média posterior, conforme já observamos, apenas para a palavra *elogio* houve uma variação de pronúncia, havendo ocorrências de alteamento da vogal média na posição pré-tônica. É interessante observar que essa é a única ocorrência de palavra com uma vogal alta na posição tônica *elog[i]o*, o que pode ter sido o fator favorecedor do alteamento da vogal pré-tônica.

Verificamos, portanto, comparando os números, que tanto para o abaixamento da vogal /E/ quanto para a vogal /O/, Há uma maior incidência para as tônicas seguidas de vogal baixa e média, respectivamente. Os dados nos reforçam portanto, as hipóteses de que na fala da comunidade serra-talhadense, há uma predominância de realizações das vogais médias abertas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi analisada a pronúncia das vogais médias E e O em dados obtidos a partir da leitura de texto escrito, por falantes residentes e naturais do município de Serra Talhada-PE. O aporte teórico que orientou a perspectiva de descrição aqui apresentada foi o da Sociolinguística Laboviana e justifica-se pela ausência de estudos sociolinguísticos sobre esse fenômeno na comunidade analisada.

Objetivamos, portanto, identificar quais as variantes mais recorrentes, e quais os fatores linguísticos favorecem a variação. Com relação às variáveis linguísticas selecionadas, foram registrados ao todo 192 realizações em que ocorre alguma das cinco variantes: [e], [ɛ], [i], [ɔ] e [o].

Os dados nos mostraram que a variante média-baixa anterior [ɛ] é a mais atuante na comunidade, seguida da média-baixa posterior [ɔ], da média-alta [e], da alta [i] e por último a

média-alta [o]. Entretanto, apesar do baixo percentual da variante [o], os dados confirmam a presença das cinco variantes na fala serra-talhadense.

Com relação às variáveis independentes linguísticas, esse estudo nos permitiu identificar aspectos em comum a outros dialetos brasileiros, assim como nos fez perceber aspectos peculiares do dialeto estudado, dessa forma, nos proporcionou uma visão mais ampla sobre as pretônicas no português brasileiro, inserindo desse modo, o dialeto serra-talhadense no estudos sociolinguísticos no Brasil.

Entre as principais constatações e descobertas estão:

- Quando a sílaba tônica está mais próxima da variável (e), maior é o favorecimento para o abaixamento.
- Quando a vogal pretônica está na posição inicial da sílaba, há um favorecimento do abaixamento de /E/ e /O/, no entanto, para /E/ houve o maior número de realizações. Também foi nesse contexto em que se observou maior alteamento para a vogal média anterior.

Em relação ao possível condicionamento do fenômeno pela vogal da sílaba tônica, os dados sugerem esse condicionamento, uma vez que vogais altas na posição tônica favoreceram a realização da vogal média como média alta. Por sua vez, vogal baixa e vogais médias na sílaba tônica favoreceram o abaixamento da vogal pré-tônica.

Finalizando, acreditamos que nossos objetivos foram alcançados, muito embora, não tivemos elementos extralinguísticos suficientes para uma investigação mais ampla no estudo do fenômeno das vogais médias pretônicas, pelo menos foi possível constatar através das variáveis linguísticas, quais as variantes das vogais médias estão presentes na fala da comunidade serra-talhadense, e dessa forma, poder contribuir um pouco para a diversidade linguística do português brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1990
- BISOL, Leda. **Harmonização Vocálica**: uma regra variável. Tese de Doutorado em linguística e Filologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CÂMARA Jr., J. M. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 39ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CHOMSKY, Noam. **O conhecimento da língua**: sua natureza, origem e uso. Lisboa: Caminho, 1994.
- CRISTÓFARO, SILVA, T. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- CELIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia –ES**. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2004.
- DIAS, Marcelo Pires et al. **O alteamento das vogais pretônicas no português falado na área rural do Município de Breves (PA)**: uma abordagem variacionista. Revista Virtual de Estudos de linguagem –Porto Alegre, n.9. Vol. 5, jul.2007.
- FARACO, C. **Linguística Histórica**. São Paulo: Ática, 1991.
- GRAEBIN, Geruza de Souza. **A fala de Formosa/GO**: a pronúncia das vogais médias pretônicas. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília/DF.2008.
- KLUNCK, Patrícia. **Alçamento da Vogais Médias Pretônicas sem Motivação Aparente**. Porto Alegre, 2007. Dissertação de mestrado, PUCRS.
- LABOV, William. (1972). **Padrões Sociolinguístico**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.
- LORENA, Luiz. Serra Talhada. Serra Talhada: **250 anos de história. 150 anos de Emancipação política**. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001.
- MEGALE, Nilza Botelho. **Invocações da Virgem Maria no Brasil**. Petrópolis: Editora, Vozes, 1998.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MOLLICA, M.C. **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. MOLLICA, Maria Cecília. **Sociolinguística**: conceituação e delimitação. In:

MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

OLIVEIRA, Daniele de Abreu. **Harmonização vocálica no português falado na área urbana do Município de Breves/PA: uma abordagem variacionista**. Belém: UFPA/PROPESP, 2007.

OLIVEIRA, Ronan Lucas de. **A realização das vogais médias pretônicas no falar Marabaense**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. 2013.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro, Presença 1997[1957].

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TARALLO, F.A. **A Pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1986.

VIEGAS, M.C. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.

KLUNCK, Patrícia. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul 2007.

Serra Talhada –Origem –Fundação Cultural Cabras de Lampião.

Disponível em: <http://www.cabrasdelampiao.com.br/> Acesso em: 09/02/2018.

IBGE –Serra Talhada continua sendo a maior cidade do Pajeú e a segunda do sertão.

Disponível em: <http://www.jornaldesafio.com.br/ibge>. Acesso em: 09/02/2018.